

O reino do faz-de-conta

Os recentes aumentos nos preços dos derivados de petróleo e, mais particularmente, da gasolina foram amplamente anunciados pelo governo como uma autêntica vitória. Finalmente a economia começa a entrar nos trilhos de uma economia de mercado, os preços relativos tomam o rumo firme e decidido da justa proporção entre si e, após o impacto inicial, os consumidores saberão agradecer este autêntico raio de luz no horizonte sombrio da presente crise.

A divulgação de um reajuste de 44,3% ocorreu há exatamente uma semana. Do mesmo modo, faz praticamente um ano que a Petrobrás veio a público por intermédio da imprensa, para responder a uma pergunta formulada por ela mesma: "Nossa gasolina é uma das mais caras do mundo?" Agora, a estatal alterou o texto de sua indagação, pois nos jornais de ontem externava a seguinte preocupação: "Para onde vai o dinheiro da gasolina?" Vale a pena notar um toque filosófico neste anúncio: "Perguntar é um direito seu. Responder é uma obrigação da Petrobrás".

A pergunta mais efetuada nos últimos tempos não era apenas esta. Todos estavam ansiosos por saber quando terminaria o regime de tributação disfarçada imposto ao consumidor no preço da gasolina. E, teoricamente, seu fim seria decretado com a eliminação dos subsídios ao álcool, ao diesel e a uma série de outros itens. A primeira oportunidade seria justamente o novo reajuste de preços. Pois qual não foi a surpresa proporcionada pelo anúncio da Petrobrás, onde declara-se, sob a aparência de um autêntico mea culpa, que os novos preços não agradam a ninguém, mas que são necessários posto que "não há outro remédio senão cobrar da gasolina mais do que apenas os custos da matéria-prima, refino e distribuição".

Estes adicionais cobrem parte do preço do óleo diesel, óleo combustível, etc., embora a fase de ajustamento global da economia levasse a crer que tais subvenções deixariam de existir. Ou seja, pretextando uma retirada dos subsídios, o governo acabou por mantê-los, deixando de esclarecer a população sobre as consequências desta atitude. Pior do que isto, procurou fazer de conta que os reajustes de preços justificavam-se a partir da eliminação dos subsídios, quando aconteceu justamente o contrário. O que não deixa de ser curioso é que um dos itens que integram a composição do preço da gasolina é chamado de "parcela de equilíbrio dos preços"...

A permanência destas distorções leva os consumidores à seguinte indagação, que têm todo o direito de formular, segundo a própria Petrobrás: para onde vai o dinheiro da gasolina? Se os subsídios estão sendo efetivamente eliminados, como justificar o maior aumento de toda a história da gasolina nacional? Não se encontra outra resposta plausível a não ser constatar a existência de um verdadeiro engodo: os subsídios não estão desaparecendo. Tudo leva a crer que o Brasil é o país do faz-de-conta.

Na literatura infantil, há um grupo bastante conhecido de personagens que sempre recorria a esta mágica. Quando era necessário realizar algo aparentemente impossível, fechavam os olhos e faziam de conta que logravam alcançar seus desejos. No caso da gasolina, é exatamente o que ocorre: os preços aumentam pois supõe-se que os subsídios são retirados. Mas o próprio autor apressa-se em desmentir tal ilusão, o que não significa — muito pelo contrário — que consiga explicar com a devida coerência as razões dos novos preços.

É o caso de se perguntar a opinião que tem o governo de seus súditos, caso contrário pouparia inclusive preciosos cruzeiros com a divulgação de anúncios como este, que não esclarecem absolutamente nada para quem quer que seja. Pelo contrário, favorecem uma hipótese nada agradável, qual seja, a de que as autoridades não possuem pleno conhecimento daquilo que afirmam em certos casos, ou mesmo do destino deste adicional de recursos propiciado pelo último aumento, uma soma nada desprezível de Cr\$ 1,5 trilhão aproximadamente.